

La rose dit : « — Tombeau sombre ,
 « De ces fleurs je fais dans l'ombre
 « Un parfum d'ambre et de miel. »
 La tombe dit : « — Fleur plaintive ,
 « De chaque ame qui m'arrive
 « Je fais un ange du ciel ! » (11)

A poesia grega he caracterisada pela belleza plastica ; são sempre formas puras e sublimes , linhas admiraveis , o ultimo grão da esthetica das formas ; ella vive , porém he desta existencia material , com que tem vida tudo quanto se move na terra ; quando recebe os reflexos do céu , he de hum céu que não reflecte sempre a immortalidade da alma , as leis sublimes da providencia ; porém , apezar disso , que ha de maior que Eschylo e Pindaro ? Que ha de mais bello que Sophocles e Homero ? Que de mais sublime que Platão !

EMILE ADRT.

O VOADOR.

BRASILIANA

A

BARTHOLOMEO LOURENÇO DE GUSMÃO :

DEDICADA

AO ULTIMO DOS TRES.

Oh gente forte , e de altos pensamentos ,
 Que tambem della hão medo os elementos !

CANÇÕES, Cant. 2.^o

I.

Já no abysmo do mar entre mil monstros ,
 Invadindo a mansão do ar imiga ,
 No solo onde pullula o rubro arbusto
 De luzentes coraes , e se matiza
 De perolas e d'ambar recendente ,
 Tu plantaste com arte , audaz humano ,
 Saxea raiz de moles gigantescas ,
 Baluartes que emulam com penhascos ,
 Onde as vagas em vão estrebuchando
 Seus flancos esfarelam nas tormentas.

O sidereo aposento d'aguia augusta
 Teus passos conculcaram , quando ovante
 Do Caucaso no cume perlustraste
 Esse gelido imperio , onde o inverno
 De eternos caramellos se apascenta :
 Deserto , onde em cylindros , rolam , cruzam
 Caravanas de nuvens e de raios.

A braço , a fogo e ferro , vendo a morte ,
 A terra broqueaste , rechassando
 Essa filha do cháos , a eterna noute ,
 Que em seu seio , medonha , se acoutára
 Entre as furnas e visceras metallicas
 Que solapam seu bojo immensuravel.
 Fizeste retinir tua alavanca
 Nos muros sempiternos desses fornos
 Onde fervem volcões a lava ardente.

As vividas arterias d'alma lymphá
 Em marmoreos conductos represadas ,
 Tua mão desviou do gyro eterno ;
 Derramadas em porphydas crateras ,
 Risonhas , sonoras , transparentes ,
 Vão as praças ornar com duplo escopo ,
 E a sede saciar de hum povo inteiro.

A cerulea cerviz do pego indomito
 Ao velifero lenho avassallaste.
 Co'a ponta do teu iman encantado
 Varaste o turbilhão das negras trombas ,
 As barreiras dos euros sibilantes ,
 E os salsos pyreos de horriveis vascas.
 Tu nos ares plantaste amenos bosques ,
 Jardins risonhos , placidos vergeis
 Sobre as ondas do Euphrates , donde Bélo
 Estampara no céu os doze signos.
 Do bibulo , rasteiro e fragil lodo
 Artefactos creaste , cujas grimpas
 Pelas nuvens errantes se mergulham.
 Ao som da picareta e da alavanca
 Viste as rochas em templos transformar-se ,
 Os ares semeados de zimborios ,
 De altivos corucheos , ricos fastigios ,
 De torres que devassam sobranceiras
 As cimeiras dos Alpes , onde os robres
 Em niveas carambinas se transmudam.
 O ar em harmonias sonoras ,
 As aguas em gigantes musculosos ,
 Os desertos em prados abundantes ,
 Tudo , tudo , mortal , teu almo engenho
 Refundindo , creou hum mundo novo.

II.

O teu genio , mundo antigo ,
 He senhor do mundo inteiro ;
 Mas a conquista dos céos
 Deo-a Deos a hum Brasileiro.

Brasileiro Ganymedes ,
 Elle ovante aos céos subio ,
 Sobre as azas da nova aguia
 Que o seu genio construiu.

N'hum ar mais leve firmado ,
 Que arrancou da natureza ,

(11) V. Hugo, *Les Voix Intérieures*.

Foi á morada dos anjos;
Espantou a redondeza!

Do olho de Galileo
Seu corpo trilhou a estrada,
E vio a seus pés, sereno,
A natura contristada.

Vio d'hum lado, scena horrivel,
Sigmas de fogo lançando
O raio por entre as nuvens,
E o trovão, baixo, bramando.

O virgem ether fendendo
Lá na mansão sideral,
Foi confundir com os astros
Sua fronte divinal,

As regiões que arroubado
Penetrava o pensamento,
Elle em corpo as pesquisou
Invadindo o firmamento.

Elle os sonhos realizou
Da fallace antiguidade!
E nos céos foi pôr a c'roa
Da diva immortalidade.

Tu viste, Brasil, teu filho
Nos céos radiar em gloria;
Ir onde ao mortal jámais
Tinha visto a eterna historia.

O teu sceptro, Mundo antigo,
Conquistou o mundo inteiro;
Mas a conquista dos céos
He do sceptro brasileiro.

III.

Que insolito espetac'lo, que prodigios
Os seus olhos feriram, quando em pino
Da pujante Lisboa devassaram,
Como huma aguia a extensão do vasto imperio
Onde outr'ora os destinos do universo
O soberano luso decretava.
Aonde popular rija celeuma
Estrondava nos ares; triumphante,
Do oriente as victorias recordava
Quando Lysia juncava de tropheos
Suas praças, e muros formidaveis.
Como cirios ardentes lampejavam
Da multidão os olhos, reflectindo
Do céu, do Voador, do sol a imagem.
Extatico, seus olhos devoravam
O risonho painel que desdobrava
Em ondas circulares a natura!
Sua alma estremececo, sacro delirio

De celeste fragrancia perfumado
Accendeo-lhe na mente hum sacro fogo.

Como pontos na terra move-diços
Os homens n'hum momento vio, seus templos,
Palacios, fortes, quintas, arsenaes,
Como informes calhaos na relva esparsos.
As agoas sonoras do aureo Tejo,
A magestosa face do oceano,
O espinhaço arrogante das montanhas,
Dos dormentes volcões as negras fauces,
O serpeado argenteo dos ribeiros,
As cup'las das florestas, dos vergeis,
O ondeado das messes, as planicies,
Como hum mappa a seus pés se desenhavam.

Que scena singular! Crescia a terra,
E os montes e as cidades se encurtavam!
Em discos gigantescos o horizonte
Dilatava a seus olhos novos quadros;
O Tejo, como enorme colubrina,
A flexuosa cauda mergulhava
Nos da Iberia romanticos castellos.
As montanhas em ondas circulares
Apóz humas as outras resurtiam!
Qual dos astros aerolitha escapada
De xofre no oceano cahê, se afunda,
E em derredor do ponto que ferira
Amplios aros descreve, multiplica,
Das agoas encrespando a face, perdem-se
Nas confusas balizas do horizonte.
Sua alma arrebatada em nobres extases,
Doce prelibação em ondas frue
O Colombo dos céos endeosado.
Parecia que Deos ante seus olhos
A scena repetia, unica scena,
Quando os astros creando, só c'hum gesto,
Do cahos a criação fez rebentar!
Parecia-lhe ouvir a voz potente
C'hum *Fiat* separar da terra os mares;
No centro dos planetas encravando
O sobpé das montanhas, povoal-os
D'almos seres, d'infinitas maravilhas.

No recesso dos páramos celestes,
Supino á méta, ao circo onde ribomba
O latego inflammado que desprende
O plaustro de trovão por entre as nuvens,
De gigantescas aves foi saudado
O nobre Voador, nauta sidereo.
Somnanb'lo ali pairando a voz modula
O albatros, dos ares elephanté:
Ali c'o rouxinol o adem contende,
Vence o corvo no canto ao gaturamo,
E o condor ás sayras gemebundas!
Adejando-lhe em circ'lo harmonioso,
Com azas diamantinas mil insectos,
A coma fluctuante rosciavam

De odorosa baunilha; em torno á fronte
Hum fluido que nadava entre myriadas
De coruscantes atomos seu corpo,
Sua aguia abrilhantavam com surpresa!

Deslisando no ether luminoso,
Radiantes de gloria, aves celestes,
Vão no céo aninhar-se quando acordes
Dadivosas outra avo á terra enviam.
Como enorme cometa explende e raia
Gigantesco Durão; (1) brilhante euclasia
Suas pennas reflectem, tem no peito
Em guisa de capuz diamante escuro;
As azas, como a lyra da epopeia,
Libra nos ares com cadencia homérica:
Alvo cercilho na engenhosa fronte
Circulado de estrellas scintillantes
De sacra magestade o revestia.
Onde Pallas orbita a rota angusta
Hum Caldas (2) portentoso equilibrava-se
Entre as azas angelicas, sonoras,
Que a harpa de David tinham na fôrma:
Sacro rubim no peito flammejava,
E eram psalmos angelicos seus canticos.
Da parte d'Acarnar fendia ovante
Huma Gama (3) luminoso, cuja cauda
A espada de Cacambo simulava;
Como as lindas madeixas de Lindoia
Fluctuavam no espaço, as negras azas,
Salpicadas de plectros, recamadas
De brilhantes topazios e saphyras.
A prumo do Cruzeiro tremulava
Melodico Garcia, (4) tinha o corpo
De brilhante amethysta revestido,
No peito, de rubins orientaes
Ampla murça descia das espaldas:
Parpadas azas, longas, cañorozas,
Como hum órgão de sé as pennas tinham,
E no espaço adejando, com assombro,
Harmonias e dulcias desprendiam.
Tendo hum astro na fronte além brilhava
Amoroso Gonzaga, (5) cujas azas
D'esmeraldas finissimas se ornavam;
Pendia ao tiracol doce alaúde,

(1) Santa Rita Durão, autor do poema Caramurú.

(2) Antonio Pereira de Souza Caldas, traductor dos psalmos de David, e lyrico de primeira ordem.

(3) José Basílio da Gama, autor do poema o Uruguay, e famoso lyrico.

(4) O conego José Mauricio Nunes Garcia, insigne compositor e mestre de capella.

(5) O autor de Marília de Dirceu.

Onde o ether vibrando desferia
De saudade, de amor, ternas endeixas.

Aqui, ali, nos altos, entre as Pleiadas,
Já no vario Zodiaco, nas Ursas,
Ou por entre os vapores estelliferos
D'essa via celeste divagavam
Como faustos cometas hum São Carlos, (6)
Hum Claudio, (7) hum Alvarenga, (8) hum Silva, (9)
o nobre
Patriarcha paulista, (10) e outros muitos,
Da cauda roçagante granizando
Esteira luminosa; e ente os astros
Eram astros tambem, astros de gloria.

Como hum ang'lo de luz, onde se lia
Em letras coruscantes, sacro rótulo,
INDEPENDENCIA OU MORTE — o céo cobria
Hum Grypho imperial, que em suas garras
Dois mundos triumphante sustentava.
Nas azas diamantinas aureas paginas
Dois anjos burilavam; sobre o peito
Gemma armillar pendia — Liberdade —
No sacro talisman se divisava:
Dardejava co'a cauda á tyrania.
E ao som de sua voz, alma e potente,
Do despotismo os ferros se quebravam.

Aguia estellifera, nobre e gigantesca,
Raios trisulcos empunhando altiva,
Voltada a hum leopardo, em cenho austero,
De seus reinos hum reino desmembrava!
Hum gladio americano, temperado
Nos dos Andes volcões que o céo calcinam,
Entre herculeas columnas se atravessa,
Invencivel barreira construindo
Aos da Iberia leões conquistadores!

Com grave magestade ao Grypho augusto
Esta nobre visão girava em torno;
E no ambito dos céos clarins sonoros
Com garbo marcial repercutiam
Oo nomes immortaes, gloria d'America,
De Washington, Bolivar, Pedro Augusto!

(6) Autor do poema a Assumpção da Virgem.

(7) Claudio Manoel da Costa, lyrico.

(8) Silva Alvarenga, autor do Desertor e da Glaúra.

(9) Antonio José da Silva, poeta comico, e huma das victimas da Inquisição.

(10) José Bonifacio de Andrada e Silva, poeta lyrico, cujo nome está ligado á independencia do Brasil.

IV.

Morrer nos hospitaes em pobres leitos,

 CAMÕES, *canto 1.*

Oh cilicio doloroso,
 Que rasgas os seios d'alma!
 Vejo em funebre cypreste
 Transformada a ovante palma!

Lá onde os astros afronta
 Essa Giralda encantada,
 Onde hum alcacer aurifero
 Faz Sevilha decantada.

Eu vejo n'hum pobre leito
 Estendido, semimorto,
 Expirando na miseria
 Sem da esperança o conforto!

Expirando entre mendigos
 Vejo o nobre Voador!
 E apagar-se hum astro, hum genio,
 No exilio, n'agra dor.

Lusitania cruel, tu escreveste
 Na porta do hospital, em ferreas letras:
 PANTHEÃO! AO VALOR, AO GENIO PREMIO!

V.

Mas não; Madre de heróes, madre de genios,
 Magdalena que em louzas venerandas
 Pranteas hoje grata o premio, a gloria,
 Que sáfara outr'ora aos filhos deras.
 Rutilante nas agoas soberanas
 Do Tejo, Guadiana, Douro e Minho
 Pompea a liberdade o sacro lume,
 Que o braço creador de Pedro augusto
 Eviterno brandio, secando a planta
 Que toxico infernal vertia ao solo.
 E co'as ruinas do alcacer d'esses monstros
 As furnas entulhou, onde pantheras
 Em nome do senhor sangue bebiam:
 Que a cruz em pelourinho transformaram;
 O calice n'hum vazo de amarguras,
 E o Evangelho n'hum codigo d'horrores.

Não mais resurgirás, covil nefando,
 De lobos tonsurados, que esse alfange
 Nas pedras dos altares afiado,
 Esse archote infernal que mão sacrilega
 Do sacrario na lampada accendia,
 Com tua impura dextra sepultaram-se:
 Essa nave de Pedro que forjásas
 Em nome do senhor, do Christo, angelico,
 Nas fauces do inferno naufragando,

O throno da sevicia, da ignorancia,
 Do solo portuguez varreo p'ra sempre.
 O fanatico sceptro esmigalhado.
 Conculca a liberdade, e sobre as cinzas
 Dos sangrentos delubros paira ovante
 Revestida de gloria a Tolerancia.

Teus monumentos de sangue,
 Tua horrorosa memoria,
 Teus autos da fé, sem nome,
 Anathematiza a historia.

Ensopadas as mãos em sangue humano,
 Na pia baptismal os Catilinas
 As mãos não lavarão, cheios de garbo:
 Nem o orgão sagrado nas orgias,
 Aos ebrios dithyrambos
 Prestará melodias.

Tua orisflamma dourada,
 Que — Justiça — escripta traz,
 Hoje guia as hostes réprobas,
 Que domina Satanaz.

Hoje Valhadolid, e Goa e Lysia
 Os sagrados carrascos já não temem;
 Do brodio canibal zomba este seculo:
 N'hum ferreo escantilhão não pauta os votos
 O misero catholico,
 Nem treme da fogueira.

Teu sumidouro sangrento
 Já não sorve a humanidade;
 Tua ampulheta mortifera
 Não regula a christandade.

N'hum curto petipé não mede hum Midas
 A sublime abalada, a rota augusta
 Do genio, do heroismo; nem das veias
 Corre o sangue real sobre a fogueira!
 Ludibrio p'ra o passado,
 E hum sonho p'ra o futuro.

Donosa Itororó, berço de genios,
 Tu, que aos pares, aos ternos acalentas
 No gremio fervoroso; onde avultaram
 Os Gusmões immortaes, os tres Andradas;
 Onde a hum grave Pinheiro, a seus collaços
 Aguia celeste os vôos vigorára,
 P'ra os umbraes franquear d'alta sciencia,
 E co' a mente elevar em prol da patria
 Monumentos de gloria perduravel;
 Aceita este meu canto, que a hum teu filho
 Ora grato dedico, e outro exalço.
 A toga roçagante e magestosa
 Da historia universal, já mais dos fastos
 O nome apagará do alto varão
 Bartholomeo Lourenço de Gusmão.

Dezembro de 1845.

MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.